

A relevância das redes sociais acadêmicas

Em dezembro, lançamos o perfil da *Revista Comunicação Midiática* na Academia.Edu, plataforma online que pode ser compreendida como uma rede social acadêmica na qual pesquisadores podem montar uma página pessoal com uma súmula curricular e áreas de atuação e interesse, assim como reunir suas publicações para facilitar seu acesso aos colegas. Todo o nosso acervo de artigos está agora replicado nessa rede, assim como serão os trabalhos publicados nas edições subsequentes, de modo a ampliar o alcance dos textos dos autores que publicam conosco e, no caso dos que já possuem perfil na rede, contribuir para a visibilidade de seus perfis e demais publicações nele disponibilizadas.

A medida pode parecer redundante, já que abundam bases de dados em que se podem buscar textos publicados nos periódicos nacionais e internacionais – filtrados por autor ou palavras-chave –, assim como existem páginas pessoais de pesquisadores que listam suas principais publicações e disponibilizam links para acessá-las, ou mesmo plataformas de curriculum vitae como a brasileira Lattes, do CNPq, e a portuguesa De Góis, do FCT; há ainda ferramentas como Google Scholar e Researcher ID, da Thomson Reuters, que permitem criar perfis e listar as publicações de um pesquisador, com a vantagem adicional de se possibilitar uma mensuração do impacto dos trabalhos com a geração automática de um índice de citações a partir das bases do próprio Google Scholar e do Journal Citation Reports.

Alguns desses serviços já apresentam recursos de interação social, embora limitados: por exemplo, a construção colaborativa da lista de publicações presente no sistema Lattes, no qual o usuário pode com alguns cliques incluir em seu currículo um artigo no qual foi identificado como co-autor, desde que autorizado por quem realizou o preenchimento dos dados; tornou-se corrente a piada de que o Lattes estava se tornando um “Orkut acadêmico” – o Facebook ainda não havia se popularizado por aqui – quando essa funcionalidade foi implementada, assim como a de criação de hiperlinks que levavam aos currículos de orientadores – identificados na seção “Formação Acadêmica” – e co-autores de publicação, e também a de visualização de redes de colaboração que não apenas listavam esses co-autores, mas destacavam os mais recorrentes e os que também realizavam colaborações entre si.

O que torna redes sociais como ResearchGate e Academia.Edu distintas e também relevantes, porém, é a combinação de algumas funcionalidades daquelas outras plataformas com algumas particularidades visuais – por exemplo, a possibilidade de se incluir livros, capítulos e trabalhos apresentados em eventos, em vez de apenas artigos de periódicos; de se organizar à vontade a listagem das publicações – criando seções por assunto ou tipo de publicação, por exemplo – e disponibilizá-las ali, na íntegra, o

que permite o upload de trabalhos publicados originalmente apenas em suporte impresso; também é possível seguir outros pesquisadores, recebendo notificações conforme novos textos são disponibilizados, ou inscrever-se para receber atualizações sobre tópicos gerais (“Mass Communication”, “Journalism”, “Cultural Studies”) ou específicos – inclusive referentes a procedimentos metodológicos ou referenciais teóricos (“discourse analysis”, “Mikhail Bakhtin”, “Political Economy of Communication”), além de se poder marcar textos como favoritos, para leitura posterior.

Faz falta, certamente, um mecanismo que permita mensurar as citações de trabalhos – e também a visualização de redes colaborativas ou alguma forma de inserir ali grupos e redes de pesquisa –, mas é possível ter acesso à quantidade de visualizações de cada trabalho, bem como da origem geográfica dos leitores e os argumentos de busca que os permitiu encontrar os textos.

Há ainda recursos únicos e promissores, como a disponibilização de textos ainda não publicados e a abertura de sessões temporária para que sejam discutidos abertamente entre os seguidores do autor – uma primeira fase de peer review que pode ser interessante para o aprimoramento de um trabalho antes de seu envio para um evento ou periódico; é incerto, porém, se o recurso pode facilitar a prática do plágio e se os textos disponibilizados desse modo perdem o caráter de ineditismo, inviabilizando sua publicação posterior.

Ainda há muito o que se aprimorar e questões a solucionar, mas o uso dessas redes sociais específicas para o universo científico me parece encorajar a interação e diálogo efetivo entre autores geograficamente distantes, ou mesmo o contato e aproximação de pessoas com produções e interesses comuns e que pelas mais diversas razões não frequentam os mesmos eventos, ou leem os mesmos periódicos, favorecendo que se estabeleçam ou sofisticuem nossas redes de colaboração. Desse modo, não apenas facilitam, mas enriquecem nosso trabalho como pesquisadores e como autores.

Mateus Yuri PASSOS

Editor adjunto